

Cidade - Natureza - Escultura

Criatividade social como manifesto de mudança

Mafalda Galvão Teles

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
mafalda.mr.galvaoteles@gmail.com

Paula André

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
Dinâmia'cet-iul
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo: O presente ensaio apresenta a reflexão sobre as convergências entre práticas artísticas e ativismo contemporâneo. Tem como ponto de partida a investigação desenvolvida para a dissertação “Arte ativista ou ativismo artístico? Da conceção beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha” realizada no âmbito do Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. Pretende-se descrever parte desse processo e também complementá-lo com novas questões desencadeadas pelo natural decorrer do tempo. O ensaio foca-se na relação entre dois casos de estudo: o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) e o grupo ativista português Campanha Linha Vermelha (2016-). Apresenta-se uma reflexão sobre as potencialidades da aplicação da criatividade artística no ativismo, inserindo as ações ativistas como a Campanha Linha Vermelha no domínio da Arte Contemporânea, propondo também a atribuição de valor patrimonial cultural imaterial ao projeto, dada a sua relevância cultural e social.

Palavras-chave: Joseph Beuys, obra de arte total, escultura social, ativismo, Campanha Linha Vermelha

Introdução

A crise ambiental que deriva das alterações climáticas antropogénicas é um dos maiores desafios do século XXI e seguintes. A Natureza tem-se tornado, cada vez mais, um tema central nos vários assuntos humanos, tanto a nível político, como económico, social e cultural. Estão em causa implicações a nível de energia, a disponibilidade de água e alimentos, o ambiente e os serviços dos ecossistemas, a saúde humana e a segurança das populações, havendo fundamentalmente dois caminhos como resposta a este desafio: mitigação e adaptação, que são processos complementares.¹ No início do século XXI, surge associado ao debate das alterações climáticas, maioritariamente em contexto académico, o conceito de Antropoceno, a “época do ser humano”, iniciada com a Revolução Industrial em finais do século XVIII, que assume a humanidade como a força ambiental predominante². A discussão sobre o Antropoceno rapidamente incentivou outras disciplinas - como a antropologia, a teologia, a paleografia, a arte e a literatura - a envolver-se em intensas análises sobre o conceito, na procura de estratégias, cenários e formas de olhar o futuro, tornando-se num espaço de colaboração num espectro académico alargado, onde se debatem as questões mais centrais da sociedade.

Paralelamente ao debate académico e científico-cultural em torno das alterações climáticas e do Antropoceno, têm surgido em larga escala, manifestações ativistas coletivas que reivindicam a tomada de medidas políticas urgentes para o controlo (mitigação e adaptação) das consequências nefastas ambientais, e consequentemente sociais. As cidades representam, por um lado, os grandes espaços onde ocorre a transformação alargada das relações entre os sistemas humanos/sociotécnicos e os sistemas biofísicos³, no sentido em que consomem a grande maioria dos recursos naturais, são responsáveis pela emissão de 60% dos gases com efeito de estufa e onde a relação rural-urbano está mais enfraquecida, por outro lado, são os principais palcos por excelência da ação coletiva e dos grandes movimentos sociais, enquanto lugares de maior importância estrutural, política e quotidiana.

A nível artístico-cultural, o Antropoceno tem sido abordado em vários espaços culturais, maioritariamente desde 2014⁴, mas a preocupação pelo meio ambiente começa a manifestar-se de forma mais evidente já partir dos anos 1960-70, a par com os primeiros movimentos ecologistas. É ainda em 1972 que é emitida a Declaração de Estocolmo,

¹ SANTOS, Filipe Duarte - **Alterações Climáticas**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. p.45.

² O conceito não tem consensualidade científica, na escala do tempo geológico a época actual continua a ser considerada o Holoceno, sendo que o debate do Antropoceno propõe a ruptura entre os dois períodos, com o aparecimento de uma nova era onde a ação humana tem um impacto significativo no clima planeta e no funcionamento dos seus ecossistemas.

³ FERRÃO, João - Antropoceno, Cidades e Geografia. In CRAVIDÃO, Fernanda *et.al* - **Espaços e Tempos em Geografia: Homenagem a António Gama**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p.2.

⁴“Welcome to the Anthropocene: The Earth in Our Hands”, que ocorreu de Dezembro de 2014 a setembro de 2016 no Deutsches Museum, museu em Munique, foi a primeira exposição a abordar o Antropoceno.

onde as alterações climáticas são abordadas publicamente a uma escala global pela primeira vez, fornecendo uma base para muitas das políticas ambientais que foram estabelecidas posteriormente. É também nesta altura que surgem novas correntes artísticas que refletem a preocupação com as questões climáticas através do resgate de elementos da natureza como material plástico, como é o caso da *land art*, ou usando a ecologia como forma de explorar questões artísticas, com a *eco art*. Surge também o movimento *Fluxus*, movimento experimental que propunha a perpetuação da atividade artística, o fluxo, e que contribuiu para a ampliação da criação artística através de meios como a *performance*, dança, teatro, música, vídeo, *visual art* e *happenings*, numa procura constante de uma via pública. Integrante deste movimento, Joseph Beuys (1921-1986) foi pioneiro no reconhecimento da crise ambiental e na procura de soluções através da sua prática artística, com a realização de projetos e ações assentes na relação entre arte, natureza, sociedade, política e educação. Com a infância e juventude passadas na Alemanha, em 1940 é mobilizado para a guerra, ingressando na força aérea alemã - onde quatro anos mais tarde sofre um grave acidente quando o seu *stuka* é atingido e consequentemente se despenha⁵. É no pós-guerra que ingressa na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf e se começa a estabelecer no meio artístico. Beuys foi o primeiro artista alemão a explorar a temática dos traumas de guerra, contrariando a amnésia europeia generalizada, característica que define várias obras que cria posteriormente. A superação de traumas através do resgate de simbologias ancestrais de elementos materiais e através do princípio da conversa permanente, um debate contínuo que transforma a obra de Beuys numa permanente instalação verbal, difícil de delimitar a obra da explicação.

“O princípio da ‘conversa permanente’, que compõe a pedagogia criativa de Beuys, onde a explicação da obra é parte integral da mesma, leva-nos a uma nova definição da palavra *escultura*. No seu significado geralmente aceite, implica um objeto tridimensional. Contudo, as ações, palestras e manifestos de Beuys já representam a obra: a voz - com a sua plasticidade, tom e volume - forma parte do espaço criado, indica-o como lugar de troca e partilha, de renovação imediata. Deste modo, o artista quando afirma que a linguagem é a primeira forma de escultura, assume a importância da comunicação, da justificação e da participação ativa, enquanto fator modelador da sociedade”.⁶

Incansável ativista e ecologista - destaca-se a sua campanha “Difesa della Natura” e a co-criação do Partido Verde Alemão - começa a desenvolver, sobretudo a partir da década de 1960, a *Teoria da Escultura* e o *Conceito ampliado de Arte*, culminando na ideologia de *escultura social* que desafia as fronteiras da arte e assume que a arte

⁵ O que acontece depois do acidente quase fatal de Beuys na Crimeia, durante uma tempestade de neve, tem diferentes versões, sendo que Beuys afirma que foi resgatado e salvo por uma comunidade de tártaros que cobriram o seu corpo com gordura e o envolveram em feltro de forma a recuperar e isolar o calor, materiais que utiliza com frequência nas suas obras e simbolizam o próprio renascimento.

⁶ TELES, Mafalda de Melo Rodrigues Galvão (2020), **Arte ativista ou Ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2020, Tese de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. p.40.

criatividade humana, aplicada nos vários setores da sociedade, é a verdadeira força revolucionária.

Foi a partir da análise da ideologia proposta por Joseph Beuys e explorada na sua obra que relaciona a arte, a sociedade e as questões ambientais de forma uníssona, e da observação das performatividades que caracterizam os mais recentes movimentos sociais ativistas de cariz ambientalista, que se desenvolveu a investigação. São colocados em confronto os princípios da *escultura social* e do neologismo *ativismo*, que junta de forma mais evidente os conceitos arte e ativismo.

No ensaio apresentam-se dois casos de estudo específicos, o artista Joseph Beuys - a sua vida, obra, movimentos e ações - amplamente reconhecido na contemporaneidade artística, e o projeto ativista português recente denominado Campanha Linha Vermelha, que recorre à criação de linhas vermelhas, através de técnicas tradicionais de tecelagem como o tricot e o crochet, enquanto meio para protestar, mobilizar e informar a população para a crise climática.

Obra de arte total

Em 1983, Joseph Beuys foi convidado pelo serviço cultural da administração da cidade de Hamburgo a colaborar no projecto municipal “Stadt - Natur - Skulptur” (Cidade - Natureza - Escultura), que consistia em propor uma intervenção de recuperação na margem do rio Elbe, envenenada ao longo de vários anos pelo lixo tóxico proveniente das lavagens portuárias.⁷ Instigado pelos bem-sucedidos “7000 Carvalhos”, obra iniciada em 1982 na Documenta VII da Kassel⁸ e de clara índole ecológica, o projecto pensado por Beuys para “Cidade - Natureza - Escultura” não se chegou a concretizar, decisão oficializada em 1986 e transmitida numa emissão radiofónica onde o presidente da Câmara de Hamburgo anuncia que “aquilo que Beuys tinha em mente não era arte”.⁹ Este projecto-encomenda (e o seu desfecho), aparentemente fracassado, torna-se curioso por vários motivos, começando pelo título atribuído por Beuys para a intervenção: “Obra de arte total - Cidade livre e Hanseática de Hamburgo”. Uma das características da obra de Beuys, que se observa por exemplo em “I like America and America likes me” (1974) e também em “7000 Carvalhos” (1982-1987), é o resgate de simbologias antigas inerentes aos territórios onde intervém¹⁰, também evidente ao reforçar o nome de “Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo”, nome oficial da cidade, vinculado à sua

⁷ JUSTO, José Miranda - Joseph Beuys e a ideia de uma nova “obra de arte total”. In HARLAN, Volker - **O que é arte? Uma conversa com Joseph Beuys**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. p.261.

⁸ “7000 Carvalhos” consistiu na plantação de 7000 carvalhos, cada um juntamente com uma pedra de basalto - assumindo desse modo o seu carácter escultórico - ao longo dos 5 anos que compreenderam a Documenta XVII e Documenta XVIII de Kassel. A população participou ativamente na criação da obra que reabilitou parte da cidade afetada pelos bombardeamentos da Segunda Grande Guerra, estabelecendo-se não só como uma ação de índole artística, mas sobretudo cívica e política. Trata-se do mais emblemático exemplo da sua ideologia de “escultura social”.

⁹ JUSTO, José Miranda - Joseph Beuys e a ideia de uma nova “obra de arte total”. In HARLAN, Volker - **O que é arte? Uma conversa com Joseph Beuys**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. p.264.

¹⁰ Tema explorado no 2º capítulo da dissertação de mestrado “Arte ativista ou ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha” (2020).

História como membro da Liga Hanseática medieval e cidade imperial livre (cidade-estado). “Obra de arte total” manifesta a convicção do artista em expandir a arte para lá da finalidade estética, dos circuitos fechados dos museus e galerias, e aplicá-la em todas as direções, como impulsionador para a transformação social e política. Com “obra de arte total” iniciar-se-ia uma nova concepção desenvolvida a partir do já estabelecido conceito de “escultura social”? O projeto proposto por Beuys - e recusado oficialmente a 4 de Janeiro de 1986 - foi possivelmente o último da sua vida, ou com certeza um dos últimos, dado que faleceu poucos dias depois. Considerando que a obra e a vida de Beuys se contaminam de forma muito profunda, não havendo uma forma clara de separar o artista da pessoa, a obra da não-obra, e sendo as suas ações o resultado da investigação profunda enquanto pensador, professor e político, “Obra de arte geral” culminaria - ou poderia ter culminado - na materialização de um estado ideológico pós - escultura social.

Como menciona Justo, o título que Beuys atribuiu desde logo ao seu projecto indica a intenção de intervir não apenas sobre o “campo de lavagens”, mas também no conjunto da cidade e dos seus habitantes.

“A materialização desta extensão para o conjunto do tecido urbano e dos seus habitantes passaria pela criação de uma fundação que promovesse a globalidade do processo de transformação, em particular no tocante à ampliação dos recursos financeiros necessários, mas sobretudo o progressivo desenvolvimento de uma consciência colectiva relativa à criatividade ampliada da intervenção. O embrião dessa fundação encontrar-se-ia no estabelecimento em zona central da cidade de um escritório público de natureza informativa, capaz de recolher também os contributos dos cidadãos, muito em particular as propostas suscitadas no seio das discussões que se desencadeariam entre o público em geral e os colaboradores do projecto.”¹¹

Evidencia-se a intersecção das esferas cultural, política e económica, essencial ao desenvolvimento social e factor nuclear da obra de Beuys¹². O envolvimento da comunidade na criação do projecto, através da constituição de uma fundação e o desenvolvimento de discussões e propostas conjuntas, implica - ou implicaria - inevitavelmente a politização do objecto artístico (conceito oposto ao de estetização da política¹³).

O conceito ampliado de arte proposto, ensinado e concretizado por Beuys - que pode ter sido interpretado como ‘ampliado demais’ dado que o projecto foi recusado e anunciado como não se tratando de ‘arte’ - implica a percepção da arte como meio para a procura de soluções para problemas sociais e ambientais, e este processo não é fixo, está em constante progressão.

¹¹ JUSTO, José Miranda - Joseph Beuys e a ideia de uma nova “obra de arte total”. In HARLAN, Volker - **O que é arte? Uma conversa com Joseph Beuys**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. p.261-264.

¹² Importante referir a influência de Rudolf Steiner com a teoria *threefold social organism* onde define os três domínios da actividade social humana: cultural, político e económico.

¹³ Conceitos também explorados por Walter Benjamin - politização da arte vs estetização da política.

“My objects are to be seen as stimulants for the transformation of the idea of sculpture, or of art in general. They should provoke thoughts about what sculpture can be and how the concept of sculpting can be extended to the invisible materials used by everyone:

Thinking Forms - how we mould our thoughts or

Spoken Forms - how we shape our thoughts into words or

SOCIAL SCULPTURE - how we mould and shape the world in which we live: **Sculpture as an evolutionary process; everyone is an artist.**

That is why the nature of my sculpture is not fixed and finished. Processes continue in most of them: chemical reactions, fermentations, colour changes, decay, drying up, Everything is in a **state of change**”¹⁴

A escultura social de Beuys implica um processo permanente de desenvolvimento contínuo dos laços ecológicos, políticos, económicos, históricos e culturais que determinam o sistema social.



Figura 1 e Figura 2 – Joseph Beuys: “7000 Carvalhos”, Documenta 7, 1982.
Fontes: DACS, 2002; all art is quite useful

¹⁴ BEUYS, Joseph - Introduction. In TISDALL, Caroline - **Joseph Beuys**. Nova Iorque: Solomon R. Guggenheim Museum, 1979. p.7.

Escultura social, ativismo e a Campanha Linha Vermelha

É evidente o caráter ativista na obra de Joseph Beuys, maioritariamente no protesto anti-capitalista, defesa da natureza, contestação do conservadorismo associado ao “império da autoridade” do Estado e das grandes empresas¹⁵, concretizado através das suas obras, *actions*, *happenings* e sobretudo no seu papel ativo enquanto professor.¹⁶

Os *slogans* a que o artista alemão recorre com frequência nas suas *performances* e aulas de porta aberta “Arte = Capital” e “Criatividade = Capital” ilustram a sua crença de “a arte ser a única força revolucionária”¹⁷. Note-se que a produção artística de Beuys acompanha a transferência do eixo económico e cultural da Europa para os Estados Unidos, provocado pela Segunda Grande Guerra, e o insurgimento de uma sociedade fortemente pautada pelo consumo, empoderamento dos *media* e do mercado voltado para a acumulação de capital. A conseqüente ascensão de valores mais individualistas é fortemente criticada pelo artista, defendendo que não existe ideia e processo criativo dissociados da sociedade onde se inserem.

We are the revolution, segundo *slogan* do artista alemão, enfatiza a importância da comunidade e trabalho coletivo e assume que o processo revolucionário está em nós e nas nossas ideias, pois apenas no nosso comportamento e compreensão existe uma evolução real. Como refere Durini: *Beuys sculpted with his words, taught with his actions*¹⁸.

A relação com uma obra de arte implica sempre indícios da relação social e política, que podem ser manifestados de forma mais ou menos acentuada.¹⁹ A partir da década de 1960 surgem vários movimentos artísticos e formas de expressão artísticas que marcam a ruptura da História da Arte e acompanham a efervescência dos “novos movimentos sociais”²⁰, já estabelecidos numa sociedade consumida pela cultura de massas. Neste contexto encontramos os primeiros indícios do *ativismo*, conceito que apenas no século XXI chega ao meio académico, de forma não consensual, e consiste na hibridização de arte + ativismo. Assim como muitos outros homólogos, o conceito implica o desacordo sobre a definição da sua essência.

¹⁵ GOMES, Júlio do Carmo - Introdução. In BEUYS, Joseph - **Cada Homem Um Artista**. Porto: 7 nós, 2011. p.43.

¹⁶ Destaca-se a sua carreira académica na Universidade de Düsseldorf, onde em 1967 cria o Partido Estudantil Alemão.

¹⁷ GOMES, Júlio do Carmo - Introdução. In BEUYS, Joseph - **Cada Homem Um Artista**. Porto: 7 nós, 2011. p.22.

¹⁸ DURINI, Lucrezia De Domizio - **Joseph Beuys: Difesa della Natura**. Milão: Silvana Editoriale, 2007. p.50

¹⁹ TELES, Mafalda de Melo Rodrigues Galvão (2020), **Arte ativista ou Ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2020, Tese de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. p.68.

²⁰ Consideramos os “velhos movimentos sociais” os primeiros movimentos que surgem no século XIX na Europa Ocidental a uma escala nacional (movimentos operários); os “novos movimentos sociais” que ganham força a partir de 1950 nos Estados Unidos e Europa em escala regional e transnacional (movimentos pacifistas, feministas, LGBT e ecologistas); e os “novíssimos movimentos sociais” aqueles que emergem no contexto da globalização, a par com o empoderamento das novas tecnologias (movimentos mundiais pelo clima, como a Greve Climática Estudantil, e manifestações anti racistas como o Black Lives Matter).

“A atualmente tão notada e debatida transversalidade ou contaminação entre os diversos géneros artísticos tem como consequência uma enorme dificuldade – e eventual inutilidade – de categorização, e conduz à conversão desses domínios em campos conceituais, mais do que definições unívocas. Este esforço continua no entanto a fazer sentido enquanto ferramenta de análise e reflexão sobre Arte”²¹(...).

O ativismo pressupõe uma correlação entre a experiência criativa e estética com a experiência política, tendo como principais objetivos o protesto e a denúncia, incentivando a mudança e instigando o pensamento crítico e a ação (individual e consequentemente coletiva). A emergência do ativismo relaciona-se com formas de ação coletiva associadas a protestos ativistas, onde se destacam aqueles que decorrem no espaço público, onde a rua se torna o palco destas manifestações.

Segundo Chaia²², assinalam-se dois momentos na origem do ativismo: os já aqui abordados “novos movimentos sociais”, de onde emergem os primeiros movimentos ecologistas, e o aparecimento das novas tecnologias, acentuado a partir do final do século XX e que intensifica o processo da globalização. Manifestações coletivas que ocorrem no espaço público recorrem, cada vez mais, a formas criativas de protesto, de forma a comunicar imagens simbólicas e simultaneamente provocar espaços de discussão e interação.

Recuperando os ideais defendidos por Joseph Beuys - entre eles, de que ‘arte’ significa ‘fazer’, de que não há arte que prescindida da sociedade e que cada homem é um artista, i.e. tem o poder criativo de gerar mudança - reconhecemos similaridades com o ativismo, sendo que a denominação deste último o torna mais óbvio e eficiente na passagem da mensagem que o constitui em comparação com o conceito beuysiano de *escultura social*. Podemos atribuir ao ativismo um sentido temporal mais curto e imediato de uma ação concreta, e à escultura social um objetivo mais geral e de longo prazo. Assumindo que há um enquadramento dominante da arte que restringe o seu impacto social, ambos os conceitos desconstruem relações de poder inerentes ao universo artístico e das elites culturais, priorizando a criatividade como factor agregador da sociedade - nos movimentos sociais e não só - e originam um novo espaço, com novas regras que criam diferentes experiências estéticas e sensoriais.

Foi no espaço público, no decorrer da primeira Greve Estudantil Mundial pelo Clima²³, que nasceu do movimento *Fridays for Future* iniciado pela ativista alemã Greta Thunberg, e nos deparámos com inúmeras manifestações performativas, de cariz expressamente ativista. O espaço público é também um espaço de democracia e o principal palco da ação coletiva, sobretudo a cidade, lugar de maior importância estrutural, tanto política como quotidiana.

²¹ BRANDÃO, Mariana Viterbo - **Passos em volta: dança versus performance: um cenário conceptual a artístico para o contexto português**. Lisboa: 2016. Tese de Doutoramento em Arte Multimédia, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. p.5.

²² CHAIA, Miguel - **Artivismo - Política e Arte Hoje**. São Paulo: Aurora - Revista de Arte, Mídia e Política, 1, 2007. p.9.

²³ A primeira Greve Estudantil Mundial pelo Clima decorreu a 15 de Março de 2019, juntando milhões de jovens no protesto contra as medidas - ou a falta delas - tomadas pelos vários governos no combate às alterações climáticas. Mais informações sobre o movimento: www.greveclimaticaeestudantil.pt

A Campanha Linha Vermelha²⁴ (CLV doravante) tem como principais objetivos explorar o uso de práticas artísticas no contexto das manifestações e protestos ativistas de cariz ambientalista e estabelecer a relação com a teoria proposta anteriormente por Joseph Beuys de escultura social. A CLV destacou-se pela sua clara componente performativa e plástica, não intencional aquando do surgimento da ideia que dá origem ao projecto, através da construção de linhas vermelhas, tricotadas em conjunto, como forma de informar e mobilizar a população e protestar contra a prospeção e exploração de petróleo e gás em Portugal.

A CLV é apresentada oficialmente em Novembro de 2016, mas a ideia surge em Junho desse ano, partindo de um membro do coletivo GAIA²⁵, que já acostumada a tricotar, reuniu dois conjuntos diferentes de pessoas: um grupo de amigas tricoteiras, que se juntou pelo ofício manual, e um grupo de activistas. Este último queria debater assuntos de cariz ambiental, maioritariamente a licença concedida pelo Governo para prospeção e exploração de combustíveis fósseis em Portugal, por parte da petrolífera Partex Oil and Gas que, até novembro de 2019, era propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian. No primeiro encontro o grupo juntou-se durante 5 dias nos Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian como forma de protestar contra a licença que permitia a exploração de petróleo ao largo de Aljezur, enquanto tricotava a linha vermelha²⁶ (60 metros aqui tricotados).

Até final de 2020 a CLV realizou mais de 115 eventos e ações em vários lugares do país e pontualmente no estrangeiro - no decorrer de algum evento ou manifestação internacional, como foi o caso da COP 25 em Madrid - e participaram cerca de 2.000 pessoas na construção da Linha Vermelha, através das técnicas tradicionais de tecelagem, que atribuem a esta obra um valor incalculável. O projeto convida os participantes a explorar o seu potencial criativo, que se observa na imensa riqueza de pontos e tramas que constituem a linha já criada, incitando ao debate sobre as questões climáticas e sociais²⁷, ao dar acesso a conhecimento mais restrito (como estudos desenvolvidos por ONGs maiores, como a Zero e a Quercus), tornando-o acessível e entendível. Nesta abordagem encontramos uma estreita relação com a pedagogia criativa de Joseph Beuys, que defende que “a linguagem é a primeira forma de escultura”, principal potenciador da cidadania participativa e que a comunicação é um dos principais fatores modeladores da sociedade.

Quando a CLV foi criada em 2016 estavam ativos 15 contratos para a exploração de gás e petróleo em Portugal, todos cessados até Setembro de 2020. Durante esses quatro anos foram tricotados 1215 metros de linha vermelha por pessoas de várias idades, oriundas de vários países do mundo, maioritariamente Portugal, tanto homens como mulheres, que por si já se torna disruptivo no que toca à prática de crochet e tricot. Devido à grande contestação civil, através de petições, ações de desobediência civil não violenta,

²⁴ Projecto da Academia Cidadã, em parceria inicial com o coletivo Climáximo.

²⁵ Grupo de Ação e Intervenção Ambiental, fundado em 1996.

²⁶ A relação entre a linha vermelha e o contexto climática é explorado no capítulo 4 da Dissertação de Mestrado “Arte ativista ou Ativismo artístico?”, ponto de partida para este artigo (pp 79-82).

²⁷ João Costa, co-criador e coordenador da CLV, referiu-nos aquando da entrevista realizada em 2020 para a dissertação de mestrado, que não se considera ativista ambiental, mas sim um ativista pela justiça climática, conceito que melhor define a amplitude do problema, que não é só ambiental, como ecológico e social.

manifestações que posteriormente apareceram nos meios de comunicação social e que contaram com a adesão em massa das populações locais, como é o caso de Aljezur e Leiria - que seriam quem iria sofrer mais diretamente com os processos de extração dos combustíveis fósseis, nomeadamente o *fracking*²⁸ - e constantes mensagens enviadas por grupos ativistas como a CLV e outras ONGs, houve de facto um impacto causado nas decisões empresariais e políticas que motivaram a desistência por parte das empresas.

“Os movimentos sociais oferecem lampejos de futuros possíveis e são, em parte, veículos para a sua realização”²⁹

O objetivo inicial da CLV foi atingido com a cessação de todos contratos de hidrocarbonetos em Portugal, mas não ditou o seu fim, tanto da Campanha como da possibilidade de outros contratos poderem surgir em Portugal. Uma das conclusões evidente ao longo dos primeiros quatro anos de atividade da CLV foi o potencial enorme da ferramenta utilizada que é “o tricotar na rua e aproveitar isso para juntar pessoas e falar sobre um tema”³⁰. Essa ferramenta pode ainda ser explorada para mais causas que de certa forma se relacionam direta ou indiretamente com a que motivou a sua criação. Desta forma, assim como observado na não concluída *obra de arte total* de Beuys, a CLV entrou numa nova fase de ação, a ampliação da sua atividade para outras causas urgentes em Portugal. A ação da CLV passa agora pela concretização de uma petição anti-furos para revogação da lei que permite novas explorações de combustíveis fósseis em Portugal; apoiar outras associações, nomeadamente a Aterra que luta para impedir a construção do novo aeroporto de Lisboa; a valorização da ferrovia como meio de transporte coletivo e menos poluente através de investigação-ação; e a promoção da criação de comunidades de energia no seio de comunidades socialmente desfavorecidas. O objetivo maior da CLV agora tornou-se a luta para conter o limite do aquecimento global a 1,5°C³¹, que para tal implica a redução de 50% das emissões de gases com efeito de estufa até 2030 (face aos valores de 2010) e as quatro causas acima apresentadas correspondem a quatro soluções de contexto nacional no combate a este problema global.

Desde 2020, após a cessação de todos os contratos, a CLV tem continuado a realizar ações no espaço público e também em escolas³², misturando os métodos de tecelagem

²⁸ Fracking ou Fracturação hidráulica é uma tecnologia muito utilizada na exploração de petróleo e gás natural. É o processo no qual o fluido de fracturação (uma mistura de água, areia e vários químicos) é injetado a alta pressão para quebrar a rocha, abrir e alargar fraturas de modo a que os hidrocarbonetos (petróleo ou gás) possam fluir. Os químicos utilizados são altamente prejudiciais para o ambiente e saúde humana, existindo um enorme risco de contaminação das águas e do ar. Fonte: www.palp.pt

²⁹ GIDDENS, Anthony - **As consequências da modernidade**. Oeiras: Celta Editora, 2000 (Edição original, 1990). p.114.

³⁰ Excerto da entrevista realizada a João Costa, que se lê em: Teles (2020). p.93.

³¹ No Acordo de Paris (2015) foi estipulado o objectivo de conter o aquecimento global abaixo dos 2°C, i.e., assegurar que a temperatura média global seja de até 2°C acima dos níveis pré-industriais. No entanto, se a temperatura média global atingir esse limite, as consequências serão demasiado significativas, entre elas a subida do nível médio das águas do mar e o aumento da frequência e intensidade de eventos meteorológicos extremos, que já se faz sentir atualmente. Por este motivo, um dos objectivos de várias ONGs e outras associações ativistas ambientalistas, passa por estipular o limite do aquecimento global a 1,5°C para evitar o colapso climático.

³² Importante realçar que todo este trabalho é desenvolvido maioritariamente pelos dois coordenadores, João Costa e Joana Dias.

tradicionais com a luta pela justiça climática, conceito que reconhece que o aquecimento global é uma crise onde os efeitos são sentidos de forma desigual, agravando problemas sociais.

“A utilização do tricot e outras manualidades nas ações da CLV, confere esse potencial agregador intergeracional, o sentido de pertença e o reavivar de tradições culturais. Relacionar esta prática com a causa climática, atribui uma conotação vigorosamente ativista, tanto a nível ambiental como social”³³

O lado pedagógico junto da comunidade mais jovem tem sido explorado de várias formas, entre elas através do *gaming* com criação de um jogo online³⁴ composto por vários níveis e tarefas de forma a difundir o conhecimento sobre as alterações climáticas e formas de as combater, constituindo assim uma forma lúdica de potencializar a sua missão.

Partindo de uma prática caseira e tradicional - pegar numa agulha e num fio e começar a desenhar e construir alguma coisa³⁵ - que é um processo que à partida já se opõe ao da produção em massa da indústria têxtil e requer tempo (numa sociedade cada vez mais sem tempo), e transformar isso numa ferramenta de divulgação e protesto de problemas globais, criando um espaço que incentiva tanto a criatividade como a cidadania, torna o projecto desenvolvido pela CLV também artístico e performativo. Neste sentido, reconhecemos a relação direta com o ativismo, dado o seu claro caráter ativista, e reconhecemos ainda características da escultura social, nomeadamente na criação deste espaço que se torna um campo de instauração e de ativação da criatividade, onde qualquer pessoa pode ensinar e ser ensinada, através das várias ações desenvolvidas.



Figura 3 e Figura 4 - Conjunto das várias linhas vermelhas tecidas entre 2016 e 2020, utilizadas para a performance coletiva feita em Outubro de 2020 (*cadavre exquis*), para contagem da linha (1215 metros) e celebração da cessação dos últimos 2 contratos. Fotos Mafalda Teles

³³ TELES, Mafalda de Melo Rodrigues Galvão (2020), **Arte ativista ou Ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2020, Tese de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. pp. 89-90.

³⁴ Jogo disponível em: www.1ponto5.linhavermelha.org

³⁵ Importante relembrar o Movimento Arts & Crafts, que emerge, na segunda metade do século XIX, da valorização e reconhecimento artístico de práticas manuais criativas.

O resgate do tricot e do crochet, assim como de outras técnicas manuais tradicionais, que se constituem como formas de cultura popular associadas às gerações mais antigas, reativa ainda o património cultural e enriquece o tecido social. A cultura tradicional constitui parte deste precioso património e da cultura viva e é um meio eficiente na aproximação de grupos sociais e na afirmação da sua identidade.³⁶ O conceito de património cultural imaterial relaciona-se diretamente com a cidadania ativa, geradora de transformações no espaço e no tempo. Na “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial³⁷”, é salientada a relevância da sustentabilidade e a importância que o Património Cultural Imaterial tem no desenvolvimento sustentável e a relação com o património cultural natural. Refere ainda que o património cultural imaterial se manifesta em vários domínios, entre eles as práticas sociais, rituais e eventos festivos, e ainda os conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo.

“Urge referir que a missão da CLV se orienta para a preservação da sustentabilidade ambiental e o alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), direcionando a sua atividade com mais afinco para a produção e consumo sustentáveis (ODS 12), ação climática (ODS 13) e criação de parcerias para a implementação dos objetivos (ODS 17). A luta pela justiça social, que perpassa pela justiça climática, defendida nas mobilizações mais recentes abordadas no primeiro e quarto capítulos, trata-se também de uma luta para atingir o verdadeiro sentido de desenvolvimento sustentável”³⁸

Considerando o projeto desenvolvido pela Campanha Linha Vermelha, cuja ferramenta inovadora contribui para o revivalismo das manualidades tradicionais, considerando o envolvimento intergeracional no contexto das manifestações sociais e o seu contributo para o desenvolvimento sustentável e combate à crise climática, propomos a atribuição de valor patrimonial cultural imaterial.

Considerações Finais

O fluxo das manifestações ativistas cria espaços urbanos de cidadania ativa, onde a criatividade aplicada no tecido social intensifica a ação, o protesto e a consequente mudança e transformação social. Assumindo o desafio de pensar o mundo na era do Antropoceno, numa crise global, é fundamental pensar em novos modos de ação coletiva (apesar da consciência partir do individual, apenas no coletivo se gera mudança), e a atividade artística é essencial ao debate, através da criação de novos modos de ver e fazer.

³⁶ UNESCO - **Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. Paris: 1989.

³⁷ UNESCO - **Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial**, Paris: 2003.

³⁸ TELES, Mafalda de Melo Rodrigues Galvão (2020), **Arte ativista ou Ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2020, Tese de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura. p.97.

As teorias criadas por Joseph Beuys procuraram construir uma base prática e teórica para estimular a compreensão do potencial interno de cada um para gerar mudança. A escultura social é um processo evolutivo e não uma característica estanque de uma obra de arte, e requer a aplicação da criatividade para lá dos territórios artísticos, contaminando as várias áreas da vida em sociedade.

Uma das principais conclusões desta investigação foi o reconhecimento de um campo de ação que mistura o universo do ativismo e o universo da arte e a compreensão das enormes potencialidades para gerar impactos sociais, políticos e ambientais. Estabelecemos uma série de relações entre a obra “7000” carvalhos”, expoente máximo da escultura social, e o projeto da Campanha Linha Vermelha, na luta bem-sucedida contra o término dos contratos de exploração e prospecção de petróleo e gás em Portugal. Nessas relações destacamos a coletividade inerente a ambos os projetos, desenvolvidos por centenas de pessoas ao longo de vários anos, desafiando assim as noções de autoria da obra; a importância do elemento material enquanto agente social; os impactos ambientais e sociais positivos que deles derivaram; e a convicção de que a criação artística é uma direção possível na procura de soluções à crise climática.

Neste ensaio sugerimos uma nova relação, que visa complementar as anteriores, focada no ‘depois’, a partir de um projeto não concretizado por Beuys “obra de arte total”, e também no desenvolvimento da CLV nos últimos dois anos, onde ambos exploraram as potencialidades das ferramentas que construíram, num processo de adaptação e desenvolvimentos contínuos. Em última análise, toda a investigação até aqui desenvolvida, tem como finalidade a reflexão sobre as potencialidades da aplicação da criatividade artística no ativismo, inserindo as ações ativistas como a CLV no domínio da Arte Contemporânea, propondo também a atribuição de valor patrimonial cultural imaterial ao projeto, dada a sua relevância cultural e social.

Bibliografia

BEUYS, Joseph - **Cada Homem Um Artista**. Porto: 7 nós, 2011.

BEUYS, Joseph - Introduction. In TISDALL, Caroline - **Joseph Beuys**. Nova Iorque: Solomon R. Guggenheim Museum, 1979.

BRANDÃO, Mariana Viterbo - **Passos em volta: dança versus performance: um cenário conceptual a artístico para o contexto português**. Lisboa: 2016. Tese de Doutoramento em Arte Multimédia, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

CHAIA, Miguel - **Artivismo - Política e Arte Hoje**. São Paulo: Aurora - Revista de Arte, Mídia e Política, 1, 2007.

DURINI, Lucrezia De Domizio - **Joseph Beuys: Difesa della Natura**. Milão: Silvana Editoriale, 2007.

GIDDENS, Anthony - **As consequências da modernidade**. Oeiras: Celta Editora, 2000 (Edição original, 1990).

GOMES, Júlio do Carmo - Introdução. In BEUYS, Joseph - **Cada Homem Um Artista**. Porto: 7 nós, 2011.

HARLAN, Volker - **O que é arte? Uma conversa com Joseph Beuys**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021.

JUSTO, José Miranda - Joseph Beuys e a ideia de uma nova “obra de arte total”. In HARLAN, Volker - **O que é arte? Uma conversa com Joseph Beuys**. Lisboa: Orfeu Negro, 2021.

FERRÃO, João - Antropoceno, Cidades e Geografia. In CRAVIDÃO, Fernanda *et.al* - **Espaços e Tempos em Geografia: Homenagem a António Gama**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

SANTOS, Filipe Duarte - **Alterações Climáticas**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.

TELES, Mafalda de Melo Rodrigues Galvão (2020), **Arte ativista ou Ativismo artístico? Da conceção Beuysiana de Escultura Social ao caso português Campanha Linha Vermelha**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2020, Tese de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura.

UNESCO - **Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial**, Paris: 2003. Consultado em 12.07.2022. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

UNESCO - **Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. Paris: 1989. Consultado em 02.07.2022. Disponível em: <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/File/DownloadFile?idFicheiro=3069>